

PALCO

JUIZ DE FORA, JANEIRO, 2009. ANO II. Nº 03

CINEMA FÁBRICA DE SONHOS

Boa parte da programação do Cine-Theatro Central que encantou e divertiu o público no passado pode hoje ser resgatada graças à dedicação de um apaixonado pelo Central, Waltencir Parizzi. Durante vários anos, o ex-funcionário da Companhia Central de Diversões, empresa que chegou a administrar 15 cinemas na cidade, colecionou os folhetos publicitários que eram produzidos e distribuídos diariamente nos bairros.

Ainda com 14 anos – quando exercia a atividade de porteiro no Cine-Theatro –, Parizzi (foto abaixo) começou a colar com grude os folhetos em grandes álbuns, hábito que cultivou até 1957, quando os anúncios passaram a ser feitos em outros meios, como o rádio. Na década de 90, Parizzi doou à Universidade Federal de Juiz de Fora os álbuns com

comédia – estrelada por Os Três Patetas, O Gordo e o Magro, entre outros – por dois trailers. “Cada poltrona no cinema era disputada”, lembra Parizzi.

Responsável pela programação mensal, Parizzi orgulha-se de ter realizado durante anos a manutenção do teatro. “Era por amor àquele trabalho, à arte, ao cinema, que, se uma telha quebrasse, eu subia ao telhado com um pedreiro para trocar”, explica. E o ex-gerente cita – como só quem devotou mais de 50 anos ao teatro sabe – o número exato de janelas, banheiros e de pontos de luz do Cine-Theatro Central.

Entre as muitas histórias que guarda, Waltencir Parizzi se lembra com bom-humor das “filas bobas” organizadas pelos estudantes na época em que o preço das entradas



NESTA EDIÇÃO

MÚSICA
A ARTE DE
FRANCISCO VALLE

PERFIL
A TRAJETÓRIA DE
TATIANA LESKOVA

LITERATURA
TALENTO E POESIA UNIDOS
POR UM IDEAL

ENTREVISTA:
O RITMO E A MÚSICA DE
LUIZ MELODIA

ARTES PLÁSTICAS
OS ARTISTAS ITALIANOS
NO ACERVO MURILO
MENDES

folhetos dos filmes exibidos entre 1944 e 1957. “Não fiz [os álbuns] com essa utilidade histórica que eles terão de agora em diante. Fiz por prazer”, explica Parizzi. A doação desse acervo para o Arquivo Histórico da Universidade Federal de Juiz de Fora teve como interveniente o professor Jorge Arbach, e seu inventário foi concluído em fevereiro de 1998. Os álbuns registram uma era mitológica da história do cinema, com suas grandes divas e astros que ajudaram a construir o imaginário do século XX.

Aos 79 anos, Waltencir Parizzi é, ele mesmo, fonte de muitas histórias sobre o Central. Entre 1944 e 1995, desempenhou quase todas as funções no Cine-Theatro – foi porteiro, bilheteiro, supervisor e gerente da casa. “Minha carteira de trabalho foi assinada uma vez só.” Era impossível não conhecer todos os funcionários, os frequentadores mais assíduos e aprender outros ofícios, como o de projetorista.

Parizzi viveu os melhores momentos deste templo da indústria do sonho. Numa época em que o cinema vivia seu apogeu, a sociedade se apurava para assistir aos filmes. Homens e mulheres elegantes, jovens casais de namorados e crianças riam, se emocionavam e torciam por seus heróis diante da grande tela.

RITUAL

Como era costume nas antigas exhibições do Central, o filme era anunciado por um prefixo, a *Cavalleria Rusticana*, do italiano Mascagni, e antecedido por um jornal, uma

sofria reajuste. “Os estudantes vinham para a Praça do Central na hora em que a bilheteria abria e faziam uma fila que subia a Rua Halfeld e não compravam o ingresso”, assim atrapalhando quem de fato queria ir ao cinema.

As sessões especiais, como às quartas-feiras, dedicadas ao público feminino, faziam grande sucesso. Nestas exhibições vespertinas, o perfume das frequentadoras permanecia no cinema até o final tarde, recorda Parizzi. As matinês infantis, aos domingos pela manhã, eram um programa familiar que durante o carnaval virava um verdadeiro baile, com brincadeiras, serpentinas e confetes. E para os rapazes, havia a “Sessão de Meio-noite”, aos sábados, que exibia filmes mais ousados.

Assim como o cinema, a postura do espectador mudou, uma vez que hoje as salas de exibição representam apenas uma dentre outras várias formas de consumir um produto audiovisual. No passado, bastava-se divulgar o elenco para atrair o público: ao pintar as fachadas que anunciavam os filmes em cartaz e fazer os panfletos, o destaque era dado ao nome dos atores e atrizes que arrebatavam os espectadores.

Waltencir Parizzi revolve suas memórias com a convicção de ter feito o melhor pelo cinema em Juiz de Fora. E o hobby de juventude agora é documento histórico: uma fonte capaz de fornecer uma viagem pela trajetória do Central e da arte cinematográfica.





SONATA em dó menor.



Francisco Valle

FRANCISCO VALLE O GRANDE AUSENTE

Há um importante compositor juizforano cujo centenário de morte aconteceu em 2006 e que passou em branco: trata-se de Francisco Valle. Uma rua no centro da cidade ainda porta o seu nome – pouco atrás da Catedral.

Ao contrário do que ocorre com o século XVIII mineiro – período que é objeto de número generoso de pesquisas e prodígio em trabalhos acadêmicos – o século XIX mineiro, em sua historiografia geral, carece ainda de pesquisadores que se predisponham a garimpar e resgatar nossos documentos e riquezas, costurando-os com pensamento reflexivo.

Em 2004, propusemos ao Programa de Pós-Graduação em Música da UNIRIO (doutorado) uma pesquisa sobre o repertório pianístico do compositor mineiro Francisco Valle. Esta tese – financiada pela CAPES – está em andamento e será concluída em 2009.

Valle compôs numa diversidade enorme de gêneros: música orquestral, de câmara, para piano-solo e dois pianos, para coro e orquestra. São provas de reconhecimento do valor estético de suas obras, pelos seus contemporâneos: o fato de haver sido nomeado, em 1896, membro do Conselho do Instituto Nacional de Música (atual Escola de Música da UFRJ), instituição onde Valle passa inclusive a integrar bancas de exames; a programação por Carlos Gomes e Alberto Nepomuceno, entre outros, de obras suas em concertos; a edição de uma peça de sua autoria para piano-solo (*Prelúdio op. 3 no. 2*), por Oscar Lorenzo Fernandez; e, sobretudo, o fato de ter sido *imortalizado*, em 1945, por Villa-Lobos, como Patrono da Cadeira de número 33 da Academia Brasileira de Música.

Ainda aos 17 anos, ao tocar no Paço de São Cristóvão, impressiona tão vivamente a então regente do Brasil, D. Isabel, que ela escreve ao pai D. Pedro II – então em Paris – apresentando o jovem músico. É desta forma que Francisco Valle chega ao Conservatório de Paris portando carta de recomendação do Imperador brasileiro ao diretor da instituição.

A estadia em Paris propiciou o contato com César Franck na *Schola Cantorum*, sob cuja orientação permaneceu durante quatro anos até 1890, ano do falecimento do mestre. As aulas de contraponto, fuga e composição ministradas pelo compositor franco-belga representaram o encontro de Valle com seu próprio caminho composicional e o tornaram provavelmente o único descendente do *frankismo* em solo brasileiro.

No ano seguinte, com a idade de 22, Valle retorna a Juiz de Fora por um período de quatro anos, onde lecionava piano. Muda-se então para o Rio de Janeiro por um ano, pois uma síndrome depressiva que se manifesta pela primeira vez o leva a retornar definitivamente para Juiz de Fora. Nove anos depois, um agravamento da síndrome termina por levá-lo às águas do rio Paraíba, onde morre em 1906, aos 37 anos.

Em 2006 o projeto Patrimônio Arquivístico-Musical Mineiro, patrocinado pela Superintendência de Ação Cultural da Secretaria da Cultura do Estado de Minas Gerais e pela FAPEMIG – e organizado pelo brilhante musicólogo paulista Paulo Castagna – começou a editar nove álbuns de partituras *sinfônicas*, com respectivas multimídias, de autores mineiros dos séculos XVIII e XIX – entre eles o nosso Francisco Valle, que foi considerado, nas palavras do próprio Castagna, “a grande surpresa do trabalho”. Todo o material resultante estará disponível em formato eletrônico, pela internet.

Temos a fundamentada esperança de que, num futuro próximo, o título do presente artigo tenha se tornado anacrônico, e que a música de Francisco Valle tenha voltado a frequentar os palcos da Juiz de Fora que o viu nascer e que ele elegeu para viver e morrer. O palco do Cine-Theatro Central deu o primeiro passo em 2007, acolhendo o seu *Bailado na Roça*. Que assim seja.

André Pires

Professor do Instituto de Artes e Design e Regente do Coral da UFJF

PERFIL TATIANA LESKOVA

Bailarina por amor e vocação, Tatiana Leskova casou-se com a dança, fez do palco um templo e dedicou sua vida à arte. Muito cedo começou a trilhar o caminho de cidadã do mundo: filha de família russa exilada na França após a Revolução Bolchevique, Leskova nasceu em Paris, em dezembro de 1922. Por influência de seu pai, apreciador de balé, aprendeu os primeiros passos da dança aos 9 anos, com a também exilada bailarina russa Lubov Egorova.

A atividade, que serviria como exercício respiratório indicado por um médico, ganhou importância em sua vida e, aos 14 anos, estreou na Ópera Cômica de Paris. Pouco depois, em 1939 – então com 16 anos – entrou para o *Original Ballet Russe*, em Londres, continuação da companhia que Serguei Diaghilev fundou em Paris, em 1909. “No fundo, sou a neta dessa companhia inicial que revolucionou a estética da dança, procurando modernizá-la para que não fosse apenas sobre contos de fadas, príncipes e princesas, mas que apresentasse um conteúdo mais intelectual, filosófico”, relembra. Logo no início, trabalhou com grandes nomes do balé, como Michel Fokine – na época, diretor artístico da companhia – e Bronislava Nijinska – que fora a Londres fazer suas remontagens.

Com a Europa em guerra, a companhia teve de se afastar do Velho Continente e iniciar turnê pela Austrália e pela América. Leskova conheceu o Brasil em 1942, quando se apresentou nos teatros municipais do Rio de Janeiro e de São Paulo. Até hoje, recorda-se da impressão de deslumbramento que lhe causou a primeira visão do país. “Vínhamos do México de navio e chegamos de madrugada no Rio. A Avenida Atlântica daquele tempo tinha uma iluminação formada por grandes bolas que, juntas, pareciam um enorme colar de pérolas.” A viagem seguiu para Uruguai, Argentina, Chile, Peru e Bolívia: durante dois anos, o corpo de baile circulou pela América do Sul, de onde Leskova jamais partiria.



Apasionada por um brasileiro, Leskova se estabeleceu definitivamente no país ao final de 1944. “Pensei: vou enfim me permitir ter um caso de amor”, confessa. “Planejei ficar por seis meses, e aqui estou há mais de 60 anos”. Sua primeira apresentação após mudar-se para o Brasil foi um *show* no cassino do Copacabana Palace. Já em 1946, o Theatro Municipal do Rio de Janeiro a convidou para duas temporadas. Seria o início de uma história de determinação, coragem e dedicação. No Balé do Municipal, exerceu as funções de mestra, diretora, coreógrafa e primeira-bailarina. Durante toda a década de 50, comandou com pulso firme a companhia, enfrentando indisciplina, rivalidades e salários baixos. O resultado veio em forma de alta produtividade, com temporadas regulares e convidados internacionais integrando o *cast* e assinando a coreografia. Mesmo após 1960, voltou diversas vezes à companhia, para cumprir diferentes atribuições.

Embora tenha criado coreografias – dentre as quais, *Le Foyer de la Danse*, com música de Prokofiev e as pinturas de Degas como temática –, Leskova jamais se considerou coreógrafa. “Nasce-se coreógrafo: é um talento. Montar o balé é fácil, porque sabemos como juntar os passos, mas coreografia é uma inspiração”. Nos últimos 20 anos, atuou como remontadora dos balés de Massine, fazendo sucesso na França (na Ópera de Paris, a convite de Nureyev), Estados Unidos, Holanda e Inglaterra. Entre 1952 e 2002, dirigiu uma escola de dança em Copacabana, na qual formou centenas de bailarinos, como Nora Esteves e Cristina Martinelli. Recém-chegada de Londres, onde dirigiu o balé *Les Presages*, de Massine, Tatiana Leskova esteve em Juiz de Fora em novembro de 2008 para ministrar palestra sobre balé russo no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM).

GP



LITERATURA O SONHO DE UMA GERAÇÃO

“Ô abre-alas que eu quero passar... eu sou da lira, não posso negar...”. Dois termos deste clássico popular nomearam duas iniciativas que conjugaram arte e literatura: a revista *D’Lira* e o folheto *Abre Alas*. Na década de 80, as duas publicações imprimiram em suas páginas mais do que prosa e poesia: eram o resultado das vivências, aspirações e anseios de um talentoso grupo de jovens de Juiz de Fora.

“Havia grande movimentação dos varais de poesia nas ruas de várias cidades do país”, comenta Edimilson de Almeida Pereira, poeta, pesquisador, professor da UFJF e um dos responsáveis pelas publicações. A expressão de um texto livre e de qualidade, mesmo sofrendo o revés do amadorismo e da escassez financeira, catalisou o surgimento do folheto *Abre Alas*, cuja primeira fase, segundo Edimilson, “durou até o final de 1984, absorvendo, em parte, essa atmosfera da poesia na rua”.

O poeta Iacyr Anderson Freitas destaca as especificidades da obra. “O *Abre Alas* possuía uma proposta mais coletiva e inclusiva – ocupando o espaço urbano e movimentando, de certa forma, os meios culturais de Juiz de Fora. A distribuição gratuita alcançava um público maior. Seus lançamentos (em plena rua Halfeld), na esteira dos principais movimentos sociais e políticos da época, agitavam a cidade.”

Em 1983, já com mais de dez números editados, o *Abre Alas* ganhava a companhia de algo mais profissional – a revista *D’Lira*. “O perfil editorial era bastante diverso”, esclarece Iacyr. “A intenção era oferecer, a despeito de todas as dificuldades da época, textos mais elaborados e cristalizados numa publicação de melhor projeto gráfico e de maior qualidade material”, relata. A revista teve somente três números. “No início de 1985, o formato dos varais dava sinais de esgotamento”, esclarece Edimilson. “Nesse mesmo período, o *Abre Alas* passou a ser encarte do jornal *Tribuna de Minas*”, revela.

O grande legado das duas publicações veio da rica experiência que o encontro humano naquelas condições possibilitou. As palavras de Iacyr, durante um colóquio literário publicado pela editora da UFJF, definem o

espírito por trás da iniciativa. “Talvez o grande diferencial fosse a obstinada vontade de separar o joio do trigo, ou seja, publicar algo que tivesse valor literário.” O contato com diversas leituras é destacado por Edimilson: “Acrescente, também, o exercício constante da escrita, a liberdade na expressão das opiniões e o estímulo para que cada um se realizasse a partir dos seus textos criativos.”

Mais de 20 anos depois, o que mudou? Edimilson cita a rede mundial de computadores como fator importante na mudança das relações entre público e referências literárias. “As demandas recentes solicitam novos mecanismos de ação e difusão cultural, e a internet potencializa esta necessidade”, esclarece. “Muito embora isso não invalide a manutenção de um diálogo fecundo com as atuações propostas através dos grupos-movimentos que articularam no passado”, retifica.

Iacyr reconhece muitas publicações de qualidade hoje. “Todavia, os tempos são outros. Não creio que tal comparação seja factível.” Edimilson admite a pluralidade de feições literárias atuais como desdobramento da arte celebrada pelo grupo do qual participou e por projetos anteriores: “Deve-se levar em conta as diferentes demandas sociais e estéticas que marcam, de maneira peculiar, os períodos em que atuam os agentes culturais. Há experiências que rompem com os anos 80 e apontam caminhos de novas sensibilidades poéticas.”

Considerações à parte, o ritmo vertiginoso dos tempos atuais encontraria eco na rotina daquele grupo formado por Edimilson, Iacyr, José Santos Matos, Fernando Fábio Fiorese Furtado, Júlio Polidoro, Sérgio Klein, Luiz Guilherme Piva, Mauro Fonseca, Jorge Sanglard e muitos outros. “Considero como um movimento. Com pessoas, idéias e textos sempre chegando e saindo. Circulando. Acionando redes de contatos com escritores, poetas e publicações de várias partes do país”, rememora Edimilson.

AOD

ENTREVISTA LUIZ MELODIA

Nascido no morro do Estácio, Rio de Janeiro, em 1951, o cantor e compositor Luiz Melodia cresceu em meio ao samba. Seu pai, Oswaldo Melodia, tocava viola e ouvia músicos como Geraldo Pereira, Ataulfo Alves e Jamelão. Embora tenha sofrido diversas outras influências, que colaboraram para a construção de seu estilo único de compor, Melodia jamais abandonou o samba. Em novembro, esteve no Cine-Theatro Central para apresentar as canções de seu CD, *Estação Melodia*, com regravações dos grandes compositores que marcaram sua infância.

Seu CD *Estação Melodia* é uma homenagem aos sambistas dos anos 30, 40 e 50. Como surgiu a idéia de gravar esse disco?

Eu ouvia muito esses compositores quando tinha 10, 11 anos de idade. Ouvia meu pai cantarolar e convivia com pessoas da época dele, como meus tios, que gostavam desses compositores. Também gostava de programas de rádio que tocavam todos esses músicos, como Geraldo Pereira, Ismael Silva... Um dia pensei em interpretar essa rapaziada, porque sou um admirador e tinha que registrar isso. A idéia veio de um show que fiz lá no Rival [RJ], no qual cantei alguns desses sambas. Eu disse: “agora a coisa vai!”.

Como você escolheu o repertório?

Foi difícil porque havia muitos sambas bonitos e interessantes, mas eu já tinha na cabeça uns dez que tinham que entrar. Os outros eu ouvia e os achava belíssimos, mas me segurava nesses dez. Minha esposa também me ajudou muito na seleção. Foi legal, bem relax, sabia? Quis deixar o arranjo geral desse disco mais próximo do original, sem muita firula, sem esses gracinhas modernas.



Você começou a tocar com seu pai nos cultos da Igreja Batista?

Eu era garoto e meu pai era evangélico; sempre iamos à igreja. Até os 15 anos eu frequentava a Primeira Igreja Batista, que fica no Largo do Estácio, e cantava no coro. Como eu gostava de cantar, era formidável participar daquelas reuniões de corais.

Que papel seu pai teve em sua carreira?

Foi muito importante. Meu pai cantava muito bem, tinha uma voz bonita. Também compunha sambas bonitos – alguns dos quais, inclusive, eu já gravei. Ele foi minha grande influência, embora não quisesse que eu entrasse nisso de música – aquela coisa de pai protetor, que dizia que aquilo não daria futuro.

O que você ouvia naquela época?

Eu ouvia de tudo. Tive todo tipo de influência: desde samba do morro (a escola de samba Unidos do São Carlos, que hoje é a Estácio), até rock and roll americano, as músicas italianas que tocavam muito no rádio nos anos 60, meu pai e os sambistas amigos dele... Fui absorvendo tudo. Também ouvia a Jovem Guarda, que adoro. Pretendo gravar um disco de músicas da Jovem Guarda. Não sei quando, mas pode acontecer por aí.

Qual é o seu lugar na história da MPB?

Acho que sou respeitado desde que comecei a gravar. Não que, com isso, eu quisesse ser pretensioso, mas foi tão sincero o disco que fiz. Eu gostava tanto do trabalho que fazia, achava tão bacano, que tinha certeza de que seria marcante. Até hoje, meu disco, *Pérola Negra* [primeiro álbum de Melodia, lançado em 1973], é muito respeitado.

GP

FORUM DA CULTURA
Rua Santo Antônio, 1112
(32) 3215-3850
www.forumdacultura.ufjf.br
Terça a sexta: 14h às 20h30

GALERIA DE ARTE

Cerâmica e literatura, alunos do curso de Artes da UFJF. Textos literários eleitos de acordo com a individualidade de cada novo artista se transformam em diversidade nos diferentes processos de tratamento da matéria-prima escolhida.

MUSEU DE CULTURA POPULAR

Presépios, mais de 60 representações do nascimento do Menino Deus celebram a 21ª edição da mostra de Natal com peças do tradicional popular.

MAMM MUSEU DE ARTE MURILO MENDES

Rua Benjamin Constant, 790
(32) 3229 9070
www.mam.ufjf.br
terça a sexta: 10h às 18h
sábados e domingos: 13 às 18h

EXPOSIÇÕES

Via Del Consolato, 6 – Roma, Italianos na coleção Murilo Mendes. Galeria Convergência. A crítica de arte foi poetizada por Murilo Mendes em sua obra *A Invenção do Finito*, que narra a percepção do escritor acerca das tendências artísticas de seu tempo.

Pablo Neruda em Isla Negra, Sara Facio. Galeria Poliedro. A reunião de imagens da fotógrafa Sara Facio e de textos de Pablo Neruda fundamenta a mostra, que apresenta a residência que foi essencial para a produção do poeta chileno, sua casa em Isla Negra.

Jandira, o começo do mundo, Mauro Valsangiacomo. Galeria Retratos-relâmpago. Até 18/1/2009. Interpretação do poema muriliano *Jandira* pelo artista plástico sulco Valsangiacomo, no qual 18 desenhos em nanquim sobre papel sugerem o feminino.

Certidões do Tempo. Galeria Retratos-relâmpago. A partir de 22/1/2009. Coletiva de artistas juizforanos retratando a cidade.

GALERIA DA REITORIA Campus Universitário Biblioteca Central

EXPOSIÇÃO

Itamar Franco: Ideal e Idéias de um grande estadista. Resultado do trabalho fotográfico de Roberto Dornellas, a exposição conta com expressiva seleção de imagens sobre a trajetória política de Itamar Franco.



TOTI SCIALOJA, Sf, título, têmpera / papel, 1957 (detalho).

ARTES PLÁSTICAS MURILO E OS ITALIANOS

Apreciador incondicional de arte, o escritor Murilo Mendes teve a oportunidade de viver entre grandes realizadores de seu tempo e de escrever sobre suas obras. Durante sua estadia na Itália, na segunda metade da década de 50, sua casa tornou-se ponto convergente do inconciliável nas artes plásticas. O poeta, que mantinha relações amistosas com grande número de artistas italianos, soube articular uma coleção heterogênea e bastante pessoal. Cerca de 30 dessas obras compõem a exposição *Via del Consolato, 6 – Roma: Italianos na coleção Murilo Mendes*, em cartaz no MAMM.

Segundo a crítica de arte Marisa Volpi, o olhar do poeta, sensível ao caminho da composição da obra de arte, foi responsável por um acervo à margem de contendas e polémicas ideológicas. O formalismo de Piero Dorazio, Achille Perilli e Giulio Turcato, o informalismo de Capogrossi e o abstracionismo de Magnelli – este com presença marcante no acervo de Murilo Mendes – demonstram uma indiferença do poeta às disputas e um sólido entendimento acerca das novidades artísticas da época.

Constam da exposição trabalhos de Carla Accardi, Carlo Battaglia, Luigi Boille, Carlucci, Gino Severini e Ario Marianni. Além destes, Gastone Biggi, Nicola Carrino e a técnica mista de Michaelangelo Conte também estão presentes na mostra, assim como Toti Scialoja e Marcalino Gandino. Serigrafias de Pasquale Santoro, Alberto Magnelli,

GIUSEPPE CAPOGROSSI, *Supersfice 455*, óleo/tela, 1961.



“Capogrossi representa para mim algo de importante: o exemplo de uma séria tenacidade na pesquisa, e de amor ao signo que o distingue de outrem. Exemplo raro numa época de infieis e improvisadores.” Murilo Mendes

Simona Weller e Ettore Colla completam *Via Del Consolato*, ao lado de obras de Capogrossi, Antonio Corpora, Mário Padovan, Paolo Ícaro, Dorazio e Perilli.

Dentre os artistas expostos, Alberto Magnelli mereceu especial atenção. O artista, que foi o primeiro italiano a pintar um quadro abstrato, é considerado um dos maiores expoentes da recém-surgida pintura abstrata de sua época. O grande número de suas obras na coleção de Murilo Mendes aponta para a imensa admiração que o poeta deixou registrada, em 1963, ao situá-lo como importante pesquisador e um artista de alta categoria, em que tudo revela sua aptidão e necessidade da invenção artística.

Além de Magnelli, outros artistas que participam de *Via del Consolato, 6 – Roma* alcançaram projeção internacional, como Dorazio, Turcato e Perilli, e foram citados por Giulio Carlo Argan em seu clássico livro sobre história da arte, *Arte Moderna* (1992). Dentre outros nomes, todos se reuniam no centro histórico de uma Roma dividida entre a ebulição cultural da época e os resquícios do pós-guerra, em companhia de Murilo Mendes.

Estimado por todos, o poeta destinou também sua arte a esquadrihar a produção de artistas amigos e publicou inúmeros artigos críticos acerca das artes plásticas – embora jamais tenha se considerado um crítico especializado –, dedicando algumas linhas a artistas como Magnelli e Perilli. Segundo este último, dotado de “intuição poética”, Murilo era o primeiro a decifrar suas pinturas, antes que ele mesmo, o autor, o fizesse.

O olhar atento de Murilo ao universo artístico gerou uma literatura visual em que o fazer plástico influenciou seus poemas. Em *A Invenção do Finito*, o poeta destina a grande parte dos artistas presentes na exposição uma análise crítica que se funde com a sua escrita poética. Neste livro, Murilo discorre não somente sobre vida e técnicas de artistas, como Gastone Biggi e Corpora, mas também apresenta suas impressões em relação a esses criadores – amigos pessoais, em sua maioria.

Este olhar muriliano é impregnado de traços e matizes. A transferência que o poeta faz das telas para o papel por meio do seu olhar torna únicas ambas as obras – desde a influência que recebeu do surrealismo ainda no Brasil, ao contato com as vanguardas européias, em especial, a italiana. Para se entender a obra de Murilo Mendes, segundo seus críticos e estudiosos, é preciso conhecer sua coleção, acompanhar na variedade e na evolução de seu acervo a transformação de sua poesia.

Via Del Consolato, 6 – Roma está aberta à visitação até o mês de abril, no MAMM. A entrada é gratuita.

MF

EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA Reitor Henrique Duque de Miranda Chaves Filho Vice-reitor José Luiz Rezende Pereira Pro-reitor de Cultura José Alberto Pinho Neves CINE-THEATRO CENTRAL Conselho Alexandre de Sá Gomes, Ana Maria Martins Ribeiro de Oliveira, Andréa Gerheim, Eduardo Sérgio Leão de Souza, Hélio Antônio da Silva, José Alberto Pinho Neves, Marcelo do Carmo Rodrigues, Paulo Dimas de Castro, Sérgio Eduardo Evangelista dos Santos Supervisor administrativo Marcelo do Carmo Rodrigues Supervisor de produção Sérgio Eduardo Evangelista dos Santos.
PALCO, órgão informativo do Cine-Theatro Central. Jornalista responsável Nelma Frões Edição Izaura Rocha Diagramação Lígia Lacerda Bolsistas Arthur Ovidio (AOD), Gabriel Miranda (GA), Gabriella Praça (GP), Mariana Franzini (MF) Fotógrafo Alexandre Dornellas Revisão Rafael Costa Marques, Maria Auxiliadora Börem www.theatrocentral.ufjf.br (32) 3215-1400.